

De cidade industrial a cidade universitária?

Percurso e representação da Covilhã

Domingos Vaz¹

Resumo

Hoje como no passado, as cidades contribuem para a afirmação das regiões em que se inserem e são fundamentais para o desenvolvimento sustentável das sociedades. Com este texto procuramos contribuir para a análise das principais transformações urbanas da cidade da Covilhã, localizada na região da Beira Interior de Portugal. Partimos de uma leitura histórica da cidade onde assinalamos a sua constituição como dinâmico centro mono-funcional de lanifícios até à contemporaneidade, quando o modelo industrial que a havia estruturado enfrenta circunstâncias adversas conduzindo ao seu esgotamento profundo. Seguidamente discute-se o desenvolvimento do ensino superior na Covilhã que parece dar-se na razão inversa da crise da cidade industrial, temática que exploraremos em torno do papel urbano da Universidade local a partir da forma como é representada pela população residente, e considerando as implicações sociais, económicas, ambientais e culturais daí decorrentes.

Palavras-chave

Covilhã. Indústria de lanifícios. Inovação urbana. Paisagem urbana. Universidade.

¹ Universidade da Beira Interior. *Interdisciplinary Center of Social Sciences (CICS.NOVA)* e *Research Unit in Business Sciences (NECE-UBI)*.

From an industrial city to a university city? Trajectory and representation of Covilhã

Abstract

Today, as in the past, cities contribute to the affirmation of the regions in which they operate and are fundamental to the sustainable development of societies. With this text we seek to contribute to the analysis of the main urban transformations in the city of Covilhã, located in the Beira Interior region of Portugal. We start from a historical reading of the city where we mark its constitution as a dynamic mono-functional wool center until contemporary times, when the industrial model that had structured it faces adverse circumstances leading to its profound exhaustion. Next, the development of higher education in Covilhã is discussed, which seems to be due to the inverse reason of the crisis of the industrial city, a theme that we will explore around the urban role of the local University from the way it is represented by the inhabitants, and considering the resulting social, economic, environmental and cultural implications.

Keywords

Covilhã. Wool Industry. Urban innovation. Urban landscape. University.

“Numa história milenar, as cidades têm evidenciado destinos diversos, mas a grande maioria tem mostrado uma enorme capacidade de adaptação aos tempos, reciclando não só a infraestrutura mas também as funções e as vocações. A cidade é a forma superior de organização territorial, económica, social e política da espécie humana. A grande maioria das cidades fundadas/edificadas nos últimos dois mil anos resistiram a catástrofes naturais e humanas, sobreviveram a diferentes formas de organização política, acomodaram-se a diferentes religiões, culturas e posicionamentos geoestratégicos, ainda que para isso tenham passado por períodos de declínio de que renasceram. As cidades são hoje, de novo detentoras da esperança dos povos, respondendo às grandes ambições do mundo global: resposta para as alterações climáticas, capacidades para promoverem processos de regeneração, que vão da recuperação demográfica à inovação, tecnológica, organizativa e cultural”².

Introdução

As cidades são um fenómeno de coexistência humana em permanente mutação, detêm uma forte centralidade demográfica e económica, e são o palco principal da experiência social. A diversidade de situações e de configurações que lhe estão associadas aludem a fenómenos que ocorrem em pontos específicos do espaço e do tempo, cujo âmbito está em contínua transformação. Seja de grande ou de pequena dimensão, ao nível funcional, mas igualmente das identidades e da memória colectiva, das continuidades ou descontinuidades territoriais é importante destacar o papel que as cidades assumem nas mudanças da economia e da sociedade contemporâneas. Hoje como no passado, contribuem fortemente para a afirmação das regiões em que se inserem e são fundamentais para o desenvolvimento sustentável das sociedades, constituindo-se como pólos de competitividade e de emprego. São ímanes de todos os problemas e complexidades, mas também de oportunidades de emprego, de crescimento das economias e das empresas e de acesso aos estabelecimentos de ensino superior, centros de saber, bem como às restantes amenidades e serviços básicos para a nossa qualidade de vida³.

Este texto procura contribuir para a análise das principais transformações

² Jorge Gaspar citado em [OA: para o público: agenda, notícias e imprensa \(arquitectos.pt\)](#) [consultado a 12.10.2020]

³ VAZ, Domingos; NOFRE, Jordi - “Conhecimento, criatividade e novas dinâmicas urbanas: repensar os territórios de baixa densidade em Portugal”. *Revista Portuguesa de Estudos Regionais / Portuguese Review of Regional Studies* 49 (2018), pp. 77-88.

urbanas da cidade da Covilhã, desde a sua constituição histórica até à contemporaneidade, considerando os desafios para o futuro. A metodologia adoptada parte de uma leitura histórica da Covilhã como centro mono-funcional de lanifícios, seu apogeu e declínio, e posterior discussão do papel estruturador da Universidade da Beira Interior que vai modelando o espaço e a vida urbana tornando-a mais cosmopolita para o que concorre a acção de uma diferenciação social crescente. Para além desta introdução, o segundo ponto do estudo⁴ revisita o percurso histórico da Covilhã, nos seus traços fundamentais, em torno da sua ascensão como importante pólo industrial até ao seu declínio e progressiva terciarização da sua base económica e funcional. Verificaremos como o modelo de estrita mono-industrialização, vigente até ao decénio de 1970, enfrenta circunstâncias adversas conduzindo ao seu esgotamento profundo e à necessidade de um novo paradigma económico e social para a cidade. E como o desenvolvimento do ensino superior na Covilhã parece dar-se na razão inversa da crise da cidade industrial, temática que exploraremos de seguida. Assim, no terceiro ponto é discutida a relação estreita da cidade com a Universidade local, relevando-se a progressiva endogeneização da academia a partir da forma como é representada pela população residente, e considerando as implicações sociais, económicas, ambientais e culturais daí decorrentes. Consideramos que o debate sobre algumas das novas dinâmicas socioeconómicas e de inovação emergentes ligadas à economia do conhecimento assim como a produção e consumo de práticas artísticas e criativas constituem factores de um enorme potencial para revitalizar as cidades pequenas e médias, e enquanto pólos dinamizadores dos territórios envolventes. Por último, a conclusão sistematiza algumas ideias centrais em torno da particularidade histórica da Covilhã, atendendo à sua tradição industrial, mas hoje tendencialmente universitária. Com a academia como principal agente de estruturação promovendo perfis urbanos mais multifuncionais, e reconfigurando um ambiente que favoreça as actividades relacionadas com a criatividade, o conhecimento e a inovação, como principais forças motrizes do desenvolvimento urbano neste novo cenário pós-industrial da Covilhã.

1. A cidade industrial: ascensão e declínio

As prerrogativas concedidas à Covilhã, em diferentes reinados, indiciam o seu peso político, ao que não será alheia a importância da sua posição geográfica de *trans-*

⁴ A secção “cidade industrial: ascensão e declínio” foi trabalhada e redireccionada a partir da nossa investigação mais ampla apresentada em VAZ, Domingos - *Cidades Médias e Desenvolvimento: o caso da cidade da Covilhã*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2004.

*serra*⁵ na expansão do reino e mais tarde da laboração das suas fábricas de lanifícios⁶. No âmbito das políticas de povoamento de D. Sancho I a então Vila da Covilhã foi objecto de privilégios excepcionais consignados na carta de foral⁷ – uma das mais antigas do território beirão – para atrair e fixar os moradores. Na época, tudo leva a crer que a vila era já uma importante unidade sociopolítica. É o que podemos inferir da quantidade e qualidade das prerrogativas concedidas bem como da extensão do concelho da Covilhã⁸. Atestando o desenvolvimento de um burgo organizador de um vasto território, o que vem confirmar a sua importância como localidade do interior fronteiriço e deixa já supor a existência de muitas oficinas artesanais, incluindo as dos lanifícios, e promovendo a fixação na Covilhã a todos os que o desejassem. Mas será depois de terminado o espírito da reconquista que as gentes da Covilhã se passam a organizar economicamente e a indústria dos lanifícios começa a ganhar forma⁹.

O movimento sazonal dos rebanhos – transumância – poderá ter favorecido uma verdadeira actividade económica baseada na gestão da inter-territorialidade¹⁰.

⁵ Lembre-se que o poder Régio se encontrava em Coimbra, sendo a Covilhã o *posto avançado* mais importante nos territórios da *Trans-Serra*. Acerca da sua origem sabe-se que, no actual assento, se acharam vestígios de existências do período pré-românico (Celtas e Lusitanos) (cf. JUNIOR, Francisco Tavares Proença - *Arqueologia do Distrito de Castelo Branco*. Leiria, 1910; e, do período românico, terá existido uma povoação ou Castro Romano, cujo nome era Silia Herminus, de Silvus general de Júlio César, pelo ano de 41 A.C. (PINHEIRO, Elisa *et alii* - *Do Foral à Covilhã do séc. XII*. Covilhã: Edição da Associação de Estudo e Defesa do Património Histórico-Cultural da Covilhã, 1988).

⁶ Diz-nos José Mattoso: “Depois de Afonso III, algumas cidades do interior animam-se lentamente. Antes de mais, em virtude do afluxo comercial para Leão e Castela, pela via da serra e pelas faldas setentrionais da Estrela, de Coimbra a Cidade Rodrigo e Salamanca, o que viria a restituir alguma vida às povoações acasteladas que a protegiam desde o séc. XII”. Esta circunstância ajudará a compreender que em meados do séc. XIII a Covilhã tenha já população suficiente para aí serem necessários mais de dois tabeliães e merecer ser visitada pelo rei com alguma frequência (*Identificação de um País*. Vol. I. Lisboa: Editorial Estampa, 1985, p. 307).

⁷ O Foral foi concedido à Covilhã no ano de 1186 pelo rei D. Sancho I que teve a intenção de a reedificar. José Mattoso balizou esta data no seio de um período histórico que caracteriza como correspondendo a uma fase expansiva e vitoriosa da reconquista empreendida contra os muçulmanos. Havia que fortalecer os concelhos, sobretudo os localizados no interior, para permitir uma estabilização de fronteiras (MATTOSO, José (dir) - *História de Portugal*. vol. II. Lisboa: Círculo de Leitores, 1993, p. 93).

⁸ Cf. PINHEIRO, Elisa *et alii* - *Do Foral à Covilhã do séc. XII...*, pp. 47-57. Designadamente ficou estabelecido no Foral “concedemos que todo o cristão ainda que seja servo que habitar na Covilhã durante um ano fique livre e ingénio ele e a sua descendência”. Segundo o foral, a área do *alfoz* da Covilhã abarcava uma boa parte dos actuais distritos da Guarda e de Castelo Branco desdobrando-se a partir da Serra da Estrela ao longo da bacia do Zêzere, alargando-se ao Côa e Pónsul, descendo em direcção ao Tejo até Rodão e inflectindo de novo pelo Zêzere até Peso.

⁹ As escarpas dos Montes Hermínios com as suas Ribeiras da Carpinteira e de Goldra, abraçando de um lado e de outro a antiga Vila, e a actividade pastoril – herança da economia lusitana que já conhecia a *Transumância* -, contribuíram para o florescimento da indústria dos lanifícios. De referir ainda que pela Covilhã se deslocavam, vindos de Espanha, almocreves que levavam lãs para Tomar, seguindo uma via romana que passava pelo Paúl, Casegas, Sobral de S. Miguel...; e que ficou conhecida como a Estrada da Lã ou via Covilhanæ de acordo com Mário de Saa (citado em PINHEIRO, Elisa *et alii* - *Do Foral à Covilhã do séc. XII...*, p. 28).

¹⁰ Não era possível alimentar os rebanhos na região durante todo o ano; de Novembro a Abril faz-se a transumância de Inverno para as terras quentes do Douro, para os campos de Coimbra ou para o Alentejo e Campina de Idanha; no Verão “cobriam-se” os pastos frescos da Serra da Estrela.

A Covilhã terá beneficiado do sistema agro-pastoril das planuras do Sul, com a sua divisão em três folhas (alqueive, pão e relva), com dois tipos de pasto: as *ervagens* e *relvas* de Inverno e os *agostadouros* ou restolhos no Verão. De considerar, igualmente, que os pousios tradicionais se vão alargando para o sul, mesmo no contexto da Beira Baixa¹¹. Albert Silbert estabelece uma hipótese sedutora, mas porventura insuficientemente documentada, que atribui importância aos industriais da Covilhã na própria organização rural da Beira Baixa, interessados como estavam em obter pastos para os rebanhos serranos¹².

Os primeiros teares terão começado a funcionar em meados do século XV¹³. Sintomaticamente, um estudo de história medieval relativo aos poderes concelhios de quatrocentos levou a cabo uma tipologia classificatória, sendo a Covilhã caracterizada como sendo um concelho comercial, habilitado ao investimento em aparelho produtivo e favorável à ocupação humana¹⁴. A cidade serrana vai-se afirmando com uma actividade industrial expressiva, com a instalação de manufacturas e depois de fábricas. A dinâmica produtiva local conhecerá novo impulso no último quartel do século XVII com a primeira lei de protecção à indústria da autoria do Conde da Ericeira. A tradição artesanal havia criado uma mão-de-obra qualificada que veio mais tarde alimentar as fábricas modernas. Pioneira de entre estas foi a *Fábrica-Escola* fundada pelo Conde da Ericeira na ribeira da Carpinteira, contratando no estrangeiro pessoal qualificado para o ensino de aprendizes. Escreveu Veríssimo Serrão:

“pelo ano de 1676 começaram a afluir mestres de tear, cordoeiros e tecelões, vindos de França e de Itália, para o fabrico de sarjas e baetas, telas e meias de seda, rendas, veludos e brocados. Já então laboravam as fábricas de tecidos da Covilhã, com 17 teares, formando um conjunto de operários e de pessoal administrativo de 415 pessoas”¹⁵.

¹¹ Os pousios eram de um ano em Penamacor, de dois anos na maior extensão da Beira Baixa e de três na Campanha de Idanha, derradeiro lugar onde os rebanhos serranos faziam a *invernada*.

¹² A lã para os *panos finos* não provinha dos rebanhos serranos, mas das ovelhas merinas da planície, sendo as feiras o principal meio de abastecimento; a Serra interessava-lhes pelos pastos de Verão (SILBERT, Albert - *Le Portugal Méditerranéen à la fin de L'Ancien Régime. Contribution à l'histoire agraire comparée*. 2 vols, Paris, 1966).

¹³ Considere-se os afamados *panos finos* tecidos na Covilhã no início do século XVI e que Gil Vicente fez representar na *Tragicomédia Pastoril da Serra da Estrela*, em 1527 (PINHEIRO, Elisa; SILVA, Manuel J. S. - “A Covilhã: uma paisagem cultural evolutiva. Algumas notas sobre a (re)construção das memórias industriais da cidade”. *UbiMuseum, revista on-line do Museu de Lanifícios da UBI* 1 (2012), p. 5. Disponível em [UBImuseum](#)); essa dinâmica produtiva está associada também à concessão, no princípio do século (em 1510), pelo rei D. Manuel I, de um segundo foral (o Foral Novo) e não será indiferente à atribuição pelo Rei D. Sebastião, em 1570, à vila da Covilhã do título de *notável*.

¹⁴ COELHO, M. Helena Cruz - “Relações de domínio no Portugal concelhio de meados de quatrocentos”. *Revista Portuguesa de História* 25 (1990), pp. 235-289.

¹⁵ SERRÃO, Joaquim Veríssimo - *História de Portugal*. Vol. V. Lisboa: Verbo, 1980, p. 374.

Dava-se corpo à formação de uma classe empresarial e a uma numerosa e qualificada mão-de-obra, ímpares na época. É nestas circunstâncias que o aforismo popular sintetiza, para a época, a prática extensiva do trabalho da lã nesta localidade: *se os filhos de Adão pecaram, os da Covilhã todos cardaram*¹⁶. A política de fomento nacional conduzirá à fundação, em 1764, pelo Marquês de Pombal, da *Real Fábrica de Panos da Covilhã* junto da ribeira da Goldra em instalações hoje ocupadas pela Universidade¹⁷. Pombal, tal como havia procedido o Conde da Ericeira, manda vir do estrangeiro tecedeiros e tintureiros. A urbe ganha uma configuração social da população com os grupos preponderantes constituídos por negociantes e mesteiros de lanifícios. Para a composição da população muito contribuirá a progressiva fixação de uma significativa comunidade de judeus, uma das mais numerosas do país, o que terá sido favorecido pela condição transfronteiriça da região¹⁸. De acordo com Orlando Ribeiro¹⁹ os seus descendentes conservaram a sua *poderosa* individualidade e sentido comercial.

Um elemento que importa não menosprezar terá sido a presença, desde cedo, da *marca* de Lisboa no desenvolvimento da indústria local, tanto na criação de algumas das suas bases como na indução do seu crescimento. Sendo de sublinhar que já D. João V tinha ordenado a confecção de todas as fardas do Exército nas fábricas da Covilhã, e mais tarde o Marquês de Pombal funda a *Fábrica Real*, mas já sob a tutela da Junta do Comércio. São notórias as intenções de limitar os mercados ao espaço nacional com controlo centralizado em organismos criados na capital do Reino. O mesmo se poderá explicar mais tarde, já no século XX, com o proteccionismo da indústria nacional do Estado Corporativo como salvaguarda dos interesses de concentração de capital e do poder económico e eliminação das hipóteses de concorrência.

Esta realidade não é contraditória com o facto de os industriais covilhanenses igualmente cedo terem evidenciado possuir espírito de iniciativa, modernizando

¹⁶ Recolhido da *Memória* do século XVIII relativa às *Fábricas da Covilhã*, ano de 1758 (DIAS, L.F. Carvalho - *História dos Lanifícios. Documentos*. Vol. I. Lisboa: Edição da Federação Nacional dos Industriais de Lanifícios, 1958, pp. 35-48.

¹⁷ Estas edificações foram construídas no século XVIII para servirem de Real Fábrica dos Panos, e em cujo espaço mais nobre foi descoberta uma tinturaria, hoje componente do Museu dos Lanifícios com um acervo patrimonial no domínio da arqueologia têxtil de notoriedade internacional, designadamente de uma tinturaria setecentista.

¹⁸ Fortalecida (no fim do séc. XV) com os judeus expulsos de Espanha, atraídos tanto pela proximidade da fronteira, como pelas perspectivas de actividade lucrativa. A população local e no seu termo eram nessa época, avultada e activa: 2.372 moradores, dos quais 22 nobres, 16 oficiais e 108 *moradores Judeus*. A alcaidaria recebia da Judiaria o rendimento de 88.000 reais na Covilhã. Segundo inquérito ordenado por D. Manuel I, publicado e comentado por RAU, Virgínia - "Para a história da população portuguesa dos séculos XV e XVI". *Do Tempo e da História* 1 (1965), pp. 7-46. A comunidade judaica de *Além-Serra* beneficiava de foro próprio (até finais de Quatrocentos) na Covilhã; em toda a Beira só havia um outro, em Viseu, para os territórios de *Aquém-Serra*.

¹⁹ RIBEIRO, Orlando - *Opúsculos Geográficos, Temas Urbanos*. Vol. V. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

o equipamento, criando e sustentando uma Escola Industrial em 1864, sendo esta um indicador inequívoco da vitalidade da indústria dos lanifícios²⁰. Segundo a estatística oficial elaborada com vista ao lançamento da contribuição industrial, em 1867²¹ havia no concelho da Covilhã 577 teares, dos quais 37 *Jacquard*, inventados no início do século XIX que, por um dispositivo de cartões e furos, tecia os desenhos, figuras e bordados, por mais complicados e numerosas fossem as cores de que se compunham.

No entanto, este laborioso ambiente *burguês* de riqueza e indústria não possuía a *nobreza* que só as funções urbanas políticas e religiosas superiores conferem. Esta terá sido a principal razão da tardia atribuição do título e prerrogativa de cidade. Senão, como se explicaria que a maior povoação do interior ao norte do Tejo²² apenas quase no fim do século XIX recebesse esse título? Mas será por reconhecimento da importância da actividade industrial que a vila da Covilhã foi elevada à categoria de cidade em 1870. A este propósito leia-se o seguinte trecho de Pinheiro Chagas:

“Pois bem! A Covilhã nas condições mais extravagantes do mundo todo, lembrou-se de ser manufactureira, e foi-o! Exilada do mundo moderno, separada do mundo do trabalho, do comércio e da actividade, da ciência e do progresso, por uma cortina de serras, jurou que não ficaria atrás da França e da Inglaterra e não ficou. Era necessário transportar máquinas enormes por caminhos impossíveis, com um dispêndio colossal; transportaram-se as máquinas. Não havia carvão de pedra para as máquinas de vapor; primeiro aproveitou-se o magnífico motor hidráulico das ribeiras que se despenham da serra e vão engrossar o Zêzere, depois, em vez de carvão de pedra empregou-se a lenha e trabalhou-se com máquina a vapor; tem de se ir buscar a lã a Espanha, à feira de Évora, etc., vai-se buscar a lã...”²³.

²⁰ Criada por decreto do Ministério das Obras Públicas, publicado em 20 de Dezembro de 1864, embora só em 1884 tenha iniciado a sua actividade, a *Escola Industrial Campos Melo* constituir-se-á, até quase aos nossos dias, como o único centro de formação profissional do País no ramo têxtil; e a que sucedeu, de certo modo, um século depois, a Universidade da Beira Interior (o primeiro curso leccionado foi, sintomaticamente, o de Eng^a. Têxtil).

²¹ CABRAL, M. Villaverde - *O Desenvolvimento do Capitalismo em Portugal no Século XIX*. Lisboa: Regra do Jogo, 1976.

²² A Covilhã sobressai como centro urbano a partir de 1860 devido ao impacte da industrialização, e cresceu 44% entre 1878 e 1900, em termos demográficos, ocupando a 7^a posição no *ranking* urbano nacional no fim do século XIX (RODRIGUES, Teresa F. - *História da População Portuguesa*. Porto: Edições Afrontamento e CEPSE, 2008, pp. 350-351).

²³ Pinheiro Chagas citado em MAIA, Fernando - “A Covilhã de Vila a Cidade”. in *À Descoberta da Covilhã*. Covilhã: Escola Frei Heitor Pinto (policopiado), 1992, p. 3.

A cidade da Covilhã virá a configurar a ideia de uma *cidade-fábrica*, atendendo ao *caldo* social e de cultura operária localmente erigido pela osmose entre o tecido urbano e a indústria dos lanifícios²⁴. Um indicador desta apreciável realidade industrial será a fundação por negociantes endinheirados do Porto, quatro anos depois da elevação da Covilhã à categoria de cidade, do Banco da Covilhã, num dos períodos áureos da indústria de lanifícios, com actividade até aos anos 30 do século XX²⁵. Este dinamismo urbano pode, igualmente, ser atestado logo após o fim da monarquia quando, em 1910, um grupo de cidadãos covilhanenses lançou e formalizou uma petição ao Ministro do Interior do então governo provisório do País, a exigir a independência da Covilhã de Castelo Branco, elevando a cidade serrana a “capital da província da Beira Baixa”²⁶. Da vitalidade da urbe é expressão sintomática a proliferação de dezenas de jornais que eram, na época, a grande fonte do conhecimento, de que se destaca o emblemático Jornal *Manchester*, trimensário que se intitulava “defensor dos interesses da Covilhã” e que se publicará entre 1864 e 1920.

As unidades fabris recenseadas antes da I Guerra Mundial detinham uma dimensão média de quase 100 operários e caracterizavam-se por uma excessiva polivalência. E terá sido devido ao isolamento da região que os lanifícios sobreviveram à concorrência britânica no decurso dos séculos XVIII e XIX, apoiados desde o início pelo protecçãoismo mercantilista do Conde da Ericeira e do Marquês de Pombal. Num relatório do inspector do ensino profissional (António Arroio) sobre a Escola Industrial da Covilhã escrevia-se em 1914: “o principal defeito da indústria provém do facto de os fabricantes não se especializarem. Fazem tudo, sem estar equipados para isso. Daí resulta a dupla consequência da imperfeição do produto

²⁴ A expressão *cidade-fábrica* tem sido utilizada desde Manuel Nunes Giraldes (GIRALDES, M. N. - *A Covilhã no Centenário*, Lisboa: Lalletment Frères Typ, 1880. Nas palavras de Manuel Villaverde Cabral a Covilhã foi modelada como um “ilhéu da industrialização” ou enclave industrial situado no interior montanhoso (CABRAL, M. V. - *Portugal na Alvorada do Século XX: Forças Sociais, Poder Político e Crescimento Económico 1890 a 1914*. Lisboa: Editorial Presença, 1988, p. 176). Na Covilhã, “quasi toda a povoação se emprega no fabrico ainda que sem estabelecimentos regulares” (Castelo Branco, ACM, *Livro de Actas* nº 26, fl. 94 citado por JUSTINO, David - *A Formação do Espaço Económico Nacional – Portugal 1810-1913*. Vol. I. Lisboa. FCSH, 1986. Tese de Doutoramento em Sociologia e Economia Históricas, p. 131.

²⁵ O Banco da Covilhã foi fundado em 1874 com a sua sede na cidade da Covilhã. Mais tarde, em 1878, foi criada uma filial no Porto e tinha correspondentes em Lisboa, Elvas, Leiria e Abrantes. Cede empréstimo ao Município em 1892. Os seus estatutos foram reformulados em 1913, tendo-se procedido, em 1914, a uma redução do seu capital. A partir de 1926, começaram a decrescer os lucros do Banco, acentuando-se esta tendência a partir de 1929. Por deliberação da Assembleia-geral do Banco, datada de 6 de Junho de 1933, o Banco entrou em liquidação. Foi publicado no Diário do Governo, II Série, de 8 de Julho de 1933 o respectivo Aviso, que foi emanado pela Inspeção do Comércio Bancário (elementos recolhidos no *Arquivo Histórico do Banco de Portugal*, Novembro de 2000).

²⁶ “Histórias de uma Covilhã muito desconhecida”. *Jornal de Notícias* (6 Dez. 2018). [As histórias de uma Covilhã muito desconhecida \(jn.pt\)](https://www.jornaldenoticias.pt/historias-de-uma-covilha-muito-desconhecida).

e um preço elevado²⁷. A insuficiência da formação profissional tendia a fazer subir os salários pelo simples jogo da concorrência entre patrões para obterem mão-de-obra qualificada. Acresce a concorrência britânica que já se fazia sentir levando a indústria nacional a esconder a sua produção sob falsas etiquetas inglesas, caso contrário a mercadoria seria recusada pelo circuito comercial.

Quando comparadas as cifras do *Inquérito Industrial* de 1914²⁸ conduzido por Campos Pereira antes da guerra e as do *Inquérito Industrial* de 1881²⁹ quando os lanifícios da Covilhã atravessavam um dos períodos mais auspiciosos³⁰ verifica-se que o número de unidades praticamente se manteve: 161 em 1881 contra 160 em 1914. A força de trabalho nos lanifícios teria, em contrapartida, duplicado, passando de 8000 para 15000 operários. O número de teares mecânicos teria passado de 125 para 400, com a relação entre o número de teares e o de operários a passar, em três decénios, de 1/64 para 1/37,5 correspondendo a uma intensificação do trabalho de quase cem por cento. Em 1914 Campos Pereira referia que a indústria dos lanifícios tinha atingido uma situação de estrangulamento devido à falta de energia, que até então era assegurada pela força das torrentes da montanha. E acrescentava que isso criava “uma situação tão angustiante para o fabricante como para o operário”³¹. As indústrias tinham dificuldade na aquisição de motores para resolverem o problema técnico da falta de energia e dispunham de pouca margem para conseguirem o apoio de que careciam do Estado, especialmente no domínio dos transportes e créditos. A relativa fraqueza do sector desencorajava o investimento e a falta de investimento só agravava tal fraqueza³².

A indústria de lanifícios viria a registar novo impulso nos anos 30, enquadrado nos fornecimentos durante a Guerra Civil de Espanha e, logo a seguir, na conjuntura da II Guerra Mundial, a que cumulativamente se adicionou o florescimento da exploração mineira com influência na economia local. Efectivamente, nos primeiros anos da década de 1940 regista-se um considerável afluxo de mão-de-obra para as Minas da Panasqueira no território sul do concelho da Covilhã ocupando as duas margens do rio Zêzere. Foi uma conjuntura de exploração mineira intensa (24/24h)

²⁷ CABRAL, M. Villaverde - *Portugal na Alvorada do Século XX: Forças Sociais, Poder Político e Crescimento Económico 1890 a 1914*. Lisboa: Editorial Presença, 1988, p. 211.

²⁸ CABRAL, M. Villaverde - *Portugal na Alvorada do Século XX ...*

²⁹ CABRAL, M. Villaverde - *Portugal na Alvorada do Século XX ...*

³⁰ PEREIRA, Miriam Halpern - “Os lanifícios da Covilhã e da região serrana: uma discreta expansão oitocentista”. in PINHEIRO, Elisa (coord.) - *Actas das III Jornadas de Arqueologia Industrial. A Indústria Têxtil Europeia. Os fios do passado a tecer o futuro. Uma abordagem pluridisciplinar*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 1998, pp. 575-594.

³¹ Campos Pereira citado em CABRAL, M. Villaverde - *Portugal na Alvorada do Século XX ...*, p. 211.

³² A máquina a vapor chegou tarde à Covilhã (meados do século XIX), tendo antes desenvolvido a técnica de aproveitamento da energia hidráulica que contrariou a regra da Revolução Industrial de que não haveria industrialização sem energia a vapor.

exigindo a utilização de contingentes de operários recrutados na região e fora dela. O minério aí extraído (volframite) misturado com aço proporciona uma liga metálica extremamente resistente e, logo, de grande apetência para o fabrico de material bélico. Os anos da guerra eram de penúria generalizada, sendo muito difícil a obtenção de emprego, mas o complexo mineiro, atendendo aos lucros avultados que a guerra proporcionava na procura do volfrâmio, era um potencial empregador³³.

O fim da II Guerra Mundial não prolongaria por muito os tempos prósperos então vividos. Um esquema social, político e económico fechado, como o preconizado pelo Estado Novo não permitia acompanhar a modernização da Europa do pós-guerra. Os anos de ouro do regime vão durar até à década de 1950, e a opção ruralista³⁴, elevada a desígnio nacional, irá favorecer inexoravelmente a eleição de determinados grupos sociais como agentes de crescimento, a que corresponderá um tipo de funcionamento por circuitos de influências (centralizado em Lisboa) e o privilegiar de relações bem definidas entre grupos de interesses. Os empresários covilhanenses, habituados como estavam ao proteccionismo estatal, reforçado com o *Condicionamento Industrial* enfrentam obstáculos que entravam a reestruturação industrial, ao nível da modernização dos equipamentos e da inovação na gestão, revelando o modelo de mono-industrialização, até então vigente, um progressivo esgotamento³⁵. O *Condicionamento Industrial* como elemento constituinte das bases sociais do Estado Corporativo representará um verdadeiro instrumento de política de fortes implicações na industrialização local. A um grupo de indústrias seleccionadas irá impor um regime de condicionamento, ou seja, por intermédio do Ministério da Indústria o Estado reserva-se o direito de impedir a sua implantação pela não concessão da respectiva licença. Sob o mesmo regime de condicionamento industrial ficará também o denominado trabalho caseiro, que já no início do século XIX tinha uma expressão muito significativa. Condiciona o trabalho de pequenas empresas de carácter familiar, limitando o número de teares e restringindo o leque

³³ VAZ, Domingos - *Cidades Médias e Desenvolvimento: o caso da cidade da Covilhã ...*

³⁴ Perpetuada por objectivos ideológicos e instrumentos de política que mantinham o regime fechado e isolado, e baseada nas grandes propriedades num extremo e na agricultura de subsistência no outro, com bolsas industriais urbanas pelo meio. NEVES, Oliveira das - “Tecido produtivo e emprego: entre a mono-indústria e a diversificação”. in RODRIGUES, M. João; NEVES, Oliveira das (coords.) - *Políticas de reestruturação, emprego e desenvolvimento regional*. Lisboa: IIEFP, 1994, pp. 227-262.

³⁵ Veja-se: Comissão de Coordenação de Planeamento da Região Centro - *Reorganização da indústria de lanifícios e a criação de novas indústrias na Cova da Beira: relatório apresentado pelo Subgrupo da Indústria do Grupo de Trabalho nº6* - Cova da Beira. Coimbra: CPRC. [policopiado], 1973, que apresenta uma caracterização da indústria de lanifícios do Grémio da Covilhã, bem como as recomendações propostas pelo consultor da OCDE, Roger Haour (pp. 95-184).

de produtos permitidos³⁶. O condicionamento industrial será alargado às indústrias complementares, como é o caso da metalurgia de máquinas e ferramentas (teares incluídos), constituindo-se como um factor de controlo político, gerando a divisão e a conflitualidade entre agentes ao nível local.

A alteração dos factores tradicionais de localização industrial, as características específicas da estrutura empresarial, enquanto grupo e imaginário, o envelhecimento do parque de máquinas, o alheamento dos mercados, a concorrência das fibras sintéticas, a indústria de malhas e confecções, conduzirão a Covilhã a uma cidade industrial em decadência. E a consolidação de alguns elementos descritos ao longo do tempo, transformando alguns deles em factores de identidade, terão funcionando como entraves a uma reorientação das estratégias empresariais para fora dos lanifícios e da fileira têxtil, dificultando a emergência de um empresariado endógeno associada a novos sectores económicos³⁷. É a partir de meados dos anos 60 que a crise se acentuará, devido sobretudo à não racionalização dos processos de trabalho e a uma forte dependência dos mercados estrangeiros. Quando há maiores encomendas (na sequência da abertura dos mercados e da adesão à EFTA), os lanifícios têm dificuldade em responder num quadro de crescente concorrência internacional. É uma conjuntura em que o preço da matéria-prima sobe bastante, a inflação é *importada* e dispara para níveis descontroláveis, o que vai provocar as reivindicações sindicais de melhores salários e condições de vida e de trabalho operário³⁸.

Com um mercado de trabalho muito dependente da indústria têxtil, a Covilhã viria a conhecer dificuldades acrescidas com a crise generalizada do sector após a revolução de 25 de Abril de 1974, na continuidade de uma conjuntura particularmente instável que já se vinha sentindo. Mesmo assim a indústria têxtil ocupava ainda 87% do emprego industrial do concelho da Covilhã em 1977, numa situação típica de mono-indústria³⁹.

³⁶ Os *teares de pau* foram, em grande número, destruídos uma vez que a posse de um número variável de teares manuais permitia, com a sua subsequente inutilização, a aquisição do alvará para um tear mecânico (PINHEIRO, Elisa - "A Covilhã e o património industrial". Suplemento do *Jornal do Fundão*, nº 2773 (15 Out. 1999). Contudo, o trabalho *caseiro e familiar autónomo*, por se considerar estar de acordo com os ideais do Estado Corporativo, por obstar à concentração industrial e por defender a família, concede-se *isenção* de condicionamento "ao fabrico de tecidos e artefactos de qualquer fibra, designadamente de cunho regional e artístico, em teares manuais ou no número máximo de dois teares mecânicos" (Lei do Condicionamento Industrial, 1952).

³⁷ NEVES, Oliveira das - "Tecido produtivo e emprego: entre a mono-indústria e a diversificação ...; VAZ, Domingos - *Cidades Médias e Desenvolvimento: o caso da cidade da Covilhã* ...). Exactamente, por actuação dos factores tradicionais de localização; se, por um lado, a sua interioridade geográfica isolou a cidade dos grandes pólos de desenvolvimento, por outro, os condicionalismos geográficos ofereciam os recursos para a indústria de lanifícios; como a cultura de gados na Serra de Estrela e a existência de duas ribeiras como força motriz e com boa água para o tratamento das lãs.

³⁸ A título ilustrativo refira-se que, "enquanto em 1940 a Covilhã representava 62% da produção nacional, em 1970 não produz mais de 35%". Cf. DUARTE, Isabel - "Relações socio-económicas numa região industrial em transformação: o caso da Covilhã". *Sociologia: Problemas e Práticas* 5 (1988), pp. 127-148.

³⁹ DUARTE, Isabel - "Relações socio-económicas numa região industrial ...

A tendencial terciarização do mercado de trabalho e a correspondente heterogeneização da composição social da população residente constitui um processo que se desenvolve significativamente a partir da década de 1980, sob a influência de vários factores: a expansão do sector de serviços, a qualificação escolar de segmentos crescentes da população e a maior integração da Covilhã num sistema urbano de circulação de pessoas e bens. A comparação dos resultados dos censos populacionais de 1981 e de 2001 permite constatar a passagem de uma matriz classista altamente proletarizada para uma estrutura social mais diversificada, assim como o crescimento do sector de serviços, configurando um cenário em que se desfez a dicotomia classista, assim como a hegemonia cultural ligada à indústria têxtil que vigorava absolutamente na cidade⁴⁰.

2. A cidade pós-industrial: universidade e ambiente

Em que medida a criação e crescente consolidação da Universidade na Covilhã abre um novo ciclo à cidade?

No centro da transformação da Covilhã estão os efeitos económicos, sociais, urbanos e culturais resultantes da criação em 1986 da Universidade da Beira Interior (UBI), que vai contribuir para a conversão da economia local ao sector terciário e para uma crescente heterogeneidade social da população residente. Enquanto agente estruturador, a Universidade promove a redefinição das estratégias locais e, a nível identitário, afirma-se como activo privilegiado de reforço do poder simbólico, social e político da própria cidade. Afirma-se com potencialidade para a indução de políticas inovadoras direccionadas para a recriação de um ambiente urbano atractivo. Neste sentido apontam pesquisas por nós concretizadas relativas às representações urbanas locais que reflectem aspectos tradicionais enquadrados num imaginário desenvolvimentista⁴¹. Uma organizada em torno de elementos históricos registados na memória colectiva, outras caracterizadas por um carácter pragmático ligadas às instituições locais, sobressaindo a UBI, cujo papel é singularizado pelo seu contributo para a auto-imagem da cidade e para a sua projecção externa.

⁴⁰ CARVALHEIRO, R. - "Que margens tem o urbano?". In VAZ, Domingos (org.) - *Cidade e Território: Identidades, Urbanismos e Dinâmicas Transfronteiriças*. Lisboa: Editora Celta, 2008, pp. 47-64. (Carvalho, 2008). Albergando a Covilhã os marcos principais da mais clássica indústria portuguesa, e não obstante as grandes transformações sociais e económicas, no presente a persistência de algumas (poucas) unidades industriais no ramo têxtil e muito menos trabalhadores, produz cerca de 30 milhões de metros de tecido/ano.

⁴¹ VAZ, Domingos - *Cidades Médias e Desenvolvimento: o caso da cidade da Covilhã ...*

A cidade da Covilhã parece estar hoje muito associada ao destino da própria Universidade⁴². A academia surge evidenciada como fonte de renascimento da própria urbe no âmbito de um imaginário cultural e científico. Atendendo à dimensão demográfica da cidade, a inserção urbana, nomeadamente do universo estudantil é muito significativa não só do ponto de vista do consumo, mas igualmente do ponto de vista da inovação, quer no quotidiano da vida cidadina, quer por contribuir para a multiplicação de contactos com o exterior com efeitos evidentes em termos de interacção social e na reconfiguração das vicissitudes locais tendencialmente mais cosmopolitas⁴³. O intercâmbio que daqui resulta com a atracção de indivíduos provenientes de lugares muito diferentes (a nível de ideias e interacções) reconfigura a cidade enquanto colectivo *aberto* à diversidade cultural. E, assim contribuindo para as cidades de pequeno e médio porte explorarem novas dinâmicas socioeconómicas, culturais e lúdicas, potenciando novas oportunidades de captação de mais-valia para o *capital territorial* em regiões que enfrentam dinâmicas regressivas associadas ao despovoamento destes territórios de baixa densidade do interior português⁴⁴. São criadas as condições para uma nova geração de estratégias locais orientadas para iniciativas imateriais, que fomentem a qualidade de vida e uma identidade própria. Ao mesmo tempo, capazes de criar estímulos à fixação de pessoas, entre as quais incluímos, por exemplo, programas orientados para o apoio a estudantes universitários estrangeiros de prolongamento da estadia por um ou dois anos, e à sua inserção na vida da comunidade, criando condições para que desenvolvessem projectos e ficassem por cá, se quisessem⁴⁵.

Ora a capacidade de uma cidade para atrair *talento* advém da sua diversidade cultural, afabilidade do local, *tolerância* para as pessoas não convencionais, entre outros factores associados ao *capital territorial*, em particular das cidades pequenas e médias. O “capital territorial remete para os elementos constitutivos da riqueza do território (actividades, paisagens, património, conhecimentos, etc.) na perspectiva não de um inventário quantificado, mas sim na busca de especificidades que podem ser valorizadas”⁴⁶. As instituições de ensino superior fazem parte desse novo contexto pós-industrial, criando perfis tendencialmente mais multifuncionais das cidades, assim como novas condições estruturais sociodemográficas e espaciais. E as cidades,

⁴² VAZ, Domingos - “A Covilhã vista pelos covilhanenses: representações e práticas sobre uma urbanidade em transformação”. *Forum Sociológico* 18 (2008), pp. 89-102.

⁴³ VAZ, Domingos; NOFRE, Jordi - “Inovação urbana em territórios periféricos: Um balanço crítico da região da Beira Interior”. *Revista Finisterra* 54/111 (2019), pp. 5-19. A incidência estudantil atinge um valor notável superior a um terço da população residente, considerando as freguesias urbanas (dados recolhidos na DGEEC, incluindo os estudantes em mobilidade internacional).

⁴⁴ VAZ, Domingos; NOFRE, Jordi - “Conhecimento, criatividade e novas dinâmicas urbanas ...

⁴⁵ Não seria desprezível o impacto até económico que essa partilha de experiências com pessoas de outras culturas acabaria por ter na forma de estar, de enfrentar os problemas, de quem já cá está.

⁴⁶ VAZ, Domingos; NOFRE, Jordi - “Conhecimento, criatividade e novas dinâmicas urbanas ... p. 79.

com a sua complexidade e diversidade, constituem-se em palcos privilegiados para a aplicação de políticas e mecanismos para a criatividade, com as *indústrias criativas* a contribuírem para a sua regeneração económica e social, e para a reconstrução das identidades locais. No decurso das últimas décadas o papel da economia criativa, artística e do conhecimento na revitalização socioeconómica de áreas urbanas nas cidades pós-industriais tem sido amplamente estudado a partir de diferentes abordagens disciplinares e metodológicas para um número muito significativo de cidades do mundo⁴⁷.

É sabido que o sucesso das cidades depende hoje da sua capacidade para atrair a *nova classe criativa*, possuidora de elevada mobilidade⁴⁸. Actualmente são reconhecidas as ligações e relação entre capital criativo, qualidade de vida e sustentabilidade, enquanto a diversidade cultural, a afabilidade local e a *tolerância* potenciam a inovação e a criatividade e, logo, a urbanidade⁴⁹.

A atracção de talento, em particular de *talento criativo*, tem um impacte interessante no rejuvenescimento da cidade, na regeneração urbana, na valorização do património e na projecção e internacionalização da imagem das cidades. Existem exemplos de iniciativas locais de política urbana que privilegiam a dinamização e a criação de espaços com condições de atractividade. Estes podem ser espaços devolutos ou subutilizados, correspondendo à refuncionalização de antigas zonas industriais ou de logística. Richard Florida ou Charles Landry cunharam o conceito de *cidade criativa* que pode ser associado aos processos de revitalização de muitas cidades ocidentais desde a década de 90, mas a lógica da competitividade tem os seus limites como alerta o geógrafo catalão Oriol Nel-lo⁵⁰ designadamente quando trabalha a expressão dos movimentos urbanos contemporâneos, e que apesar de defrontarem circunstâncias adversas, buscam a reconstrução da vida em comum na sociedade.

É importante assinalar a dificuldade das políticas urbanas designadas clássicas não só de trabalharem ao nível de uma maior igualdade e do acesso aos

⁴⁷ LANDRY, Charles - *The Creative City: a toolkit for urban innovators*. London: Earthscan, 2000; HALL, Peter - "Creative cities and economic development". *Urban studies* 37/4 (2000), pp. 639-649; MOMMAAS, Hans - "Cultural Clusters and the Post-industrial city: towards the remapping of urban cultural policy". *Urban Studies* 41/3 (2004), pp. 507-532; SCOTT, Allen J. - "Creative cities: Conceptual issues and policy questions". *Journal of urban affairs* 28/1 (2006), pp. 1-17; LAZZERETTI, Luciana; BOIX, Rafael; CAPONE, Francesco - "Do creative industries cluster: mapping creative local production systems in Italy and Spain". *Industry and Innovation* 15/5 (2008), pp. 549-567; LAZZERETTI, Luciana; BOIX, Rafael; CAPONE, Francesco - "Why do creative industries cluster? An analysis of the determinants of clustering of creative industries", *IERMB Working Paper in Economics* 9/2 (2009).

⁴⁸ BOSCHMA, Ron; FRITSCH, Michael - "Creative class and regional growth: Empirical evidence from seven European countries". *Economic Geography* 85/4, 391-423 (2009) <https://doi.org/10.1111/j.1944-8287.2009.01048.x>.

⁴⁹ A urbanidade enquanto germinação de um ecossistema urbano que atende as funcionalidades diferenciadas da cidade, mais solidárias e sustentáveis, na significação que lhe atribui FORTUNA, Carlos - "Urbanidades invisíveis". in *Cidades e Urbanidades* Lisboa: ICS, 2020, pp. 199-214.

⁵⁰ Oriol Nel-lo - *A Cidade em Movimento*, Lisboa: Edições Tigre em Papel, 2018.

direitos fundamentais da cidade, como até de compreenderem os novos problemas dos meios urbanos. E faz sentido interrogar se quem está a competir são as cidades ou os portadores de interesses económicos que nelas estão radicados, sem que daí advenha melhoria nas condições de vida das populações⁵¹. Por exemplo, na construção da imagem da cidade o mesmo autor, Oriol Nel-lo, encontra paradoxos. O ponto de partida consiste em seleccionar os traços distintivos que particularizem um determinado lugar, o que cria a contradição de se estar a atrair agentes comuns da globalização da economia, que nas diversas cidades onde operam acabam para contribuir para a homogeneização, fazendo desaparecer os traços diferenciadores que serviram de factor de atracção no início do processo. A urbe é sinónimo de movimento e se a reduzirmos a uma imagem estável isso tanto lhe elimina a complexidade como fixa apenas alguns traços simplificando a comunicação, mas tornando invisíveis os processos dinâmicos. As cidades querem ser inconfundíveis, mas a mercantilização pode apagar os traços distintivos! Se, em teoria, se deseja reflectir o pulsar da cidade será decisivo que daí advenha uma melhoria das condições de vida para os grupos sociais e que as estratégias de mudança tenham em conta a criação de um protagonismo por parte das suas organizações e dos seus actores, numa sociedade cada vez mais global e comandada por valores, pela cultura e por objectivos de sustentabilidade.

Numa evocação do seu legado patrimonial associado à ancestral indústria de lanifícios, a cidade tem acolhido desde 2011 o *Woolfest – Covilhã Art Festival*. As várias edições têm envolvido criadores nacionais e internacionais que recriam traços identitários da Covilhã (lanifícios, os fios, a lã...), pintando edifícios abandonados, ou murais; lugares urbanos *esquecidos* na zona antiga da cidade são assim reanimados, transformando a cidade num pólo de arte urbana de inquestionável singularidade. E a expressão criativa alarga-se à criação numa antiga fábrica com maquinaria têxtil do *New Hand Lab*, reunindo um núcleo de criadores que impulsionam uma acção voluntarista em diversos domínios das artes e da cultura. A contextualização em ambiente de arqueologia industrial faz tributo à *cidade da lã* e ao seu rico património numa simbiose entre a inovação e a tradição. A par das instituições que alberga, como a Universidade, a cidade reinventa-se, sobretudo, enquanto palco propício à criatividade, ao florescimento de projectos para a actividade económica e formas de expressão cultural e artística.

As preocupações com a melhoria do ambiente urbano podem repercutir-se no planeamento e desenho urbanos para que sejam realizados em concordância com os sítios, retirando partido das características morfológicas locais e de com elas estabelecer, os princípios estruturantes fundamentais do espaço urbano, os

⁵¹ Principalmente se o fomento do ambiente de atractividade acontece, por exemplo, à custa da precarização do trabalho.

seus elementos singulares. À *cidade morfológica* associamos a paisagem urbana, que enquadra os elementos constituintes do sítio (topografia, arquitectura, pontos notáveis, seres humanos, animais, vegetação, luz, cor), apreendida pelos sentidos e ferramenta para decifrar o carácter de cada cidade⁵². A adopção da Convenção Europeia da Paisagem (CEP)⁵³ que abrange as paisagens urbanas, surge como instrumento que nas últimas décadas (re)apareceu com força em domínios como o património, tanto natural como cultural, ou o planeamento. A conceptualização em torno da paisagem adquiriu novos significados, sem perder os que detinha anteriormente⁵⁴. A partir de uma relação, mais ou menos vaga, com a natureza, de *quadro cénico*, onde as acções humanas se desenvolveram, hoje a paisagem é enfatizada enquanto ligação profunda entre a natureza e a sociedade⁵⁵. O conceito supera a visão patrimonial e torna-se uma ferramenta para a análise, a formulação de estratégias e a gestão dos territórios, que é, em suma, o que preconiza a CEP⁵⁶.

Na Covilhã muitas das intervenções que têm vindo a realizar-se são genéricas, conduzindo a uma notória banalização do espaço urbano e da paisagem, desconectados do meio envolvente: a montanha. A sua leitura poderá por isso indicar um caminho para compreender e reinventar novas formas de abordar a paisagem urbana contemporânea. Exceptuam-se, porém, as propostas pioneiras do arquitecto Bartolomeu Costa Cabral para a Universidade e as de Teotónio Pereira para a *Polis*. A *reinvenção* da cidade de Costa Cabral centra-se numa leitura do património construído e paisagístico, integrando funções e linguagens arquitectónicas em sintonia com as exigências funcionais da actualidade e com os paradigmas da cidade pós-industrial. Desde a criação, em 1973, do Instituto Politécnico da Covilhã aquele arquitecto continuou a projectar as sucessivas extensões do que se tornou hoje a UBI. Nas suas intervenções destacam-se a qualidade formal, a valorização das preexistências e da paisagem covilhanense, usando a arquitectura de expressão contemporânea como harmonizadora de espaços urbanizados com espaços naturalizados de montanha,

⁵² MATOS, M. João; VAZ, Domingos - "Covilhã e cidades alpinas: o contributo da paisagem para a sustentabilidade urbana". in *Atas do VII Congresso Português de Sociologia*. Lisboa: APS. 2012 Disponível em: https://associacaoportuguesasociologia.pt/vii_congresso/?area=016&tipo=atas3&pchave=Cidades+de+Montanha

⁵³ *Conseil de l'Europe*, 2000.

⁵⁴ O articulado da Convenção Europeia da Paisagem reflecte a nova visão logo no artigo 1, ao referir que a paisagem significa qualquer parte do "território percebida pela população, cujo carácter é o resultado da acção e a interacção de factores naturais e humanos», explicitamente introduzindo a percepção.

⁵⁵ LALANA, José Luís; Vaz, Domingos - "Entre el territorio y el paisaje. Una nueva epistemología para la justiça territorial". in *Atas do X Congresso Português de Sociologia*. Covilhã: APS, 2018. Disponível em: https://aps.pt/wp-content/uploads/X_Congresso/Territ%C3%B3rios_XAPS-32966.pdf

⁵⁶ A Convenção Europeia da Paisagem foi adoptada pelo Comité de Ministros do Conselho da Europa no ano de 2000. Portugal aderiu no ano de 2005. A tradução em português está disponível em: <https://rm.coe.int/CoERMPublicCommonSearchServices/DisplayDCTMContent?documentId=09000016802f3fb7>

reforçando a imagem de uma cidade em sintonia com seu meio⁵⁷. A conceptualização de transformação da cidade idealizada por Nuno Teotónio Pereira, plasmada no projecto do programa *Polis Covilhã* (iniciado em 2000) rege-se pelos mesmos princípios⁵⁸. Assume-se como uma proposta para uma cidade sustentável, apontando para um modelo ecológico como estruturador da cidade pós-industrial: centra-se na reconversão paisagística das antigas áreas industriais ao longo das duas ribeiras (Goldra e Carpinteira) e na mobilidade pedonal, constituindo uma rede estruturante que contraria uma topografia difícil.

Na actualidade, o debate sobre a temática ambiental urbana tem gerado abordagens com um consenso construído em torno da ideia de *cidade sustentável*. Uma das possíveis abordagens articula-se com o desenvolvimento da ecologia, particularmente com as ideias difundidas principalmente pela escola filosófica da *ecologia profunda*, fundada pelo filósofo norueguês Arne Naess no início dos anos de 1970. Esta concepção ecológica vê o mundo como uma rede de fenómenos que estão interconectados e são interdependentes, trabalhando a relação íntima entre os seres humanos e o ambiente natural. A ecologia profunda reconhece o valor inerente de seres vivos e concebe os seres humanos apenas como um fio particular na teia da vida.

O propósito centrado no urbanismo quotidiano⁵⁹ tem a vantagem da proximidade, de uma intervenção localmente decidida, assente em compromissos institucionais de várias escalas e tipos (privado, público, etc.), capaz de integrar, em simultâneo, o urbano, o ambiente, as culturas locais e as formas de participação. Depois o urbanismo quotidiano liga-se a uma identidade urbana. Pela capacidade de cada um gostar do sítio, do bairro e da cidade onde reside porque se identifica com ele. Trata-se da geração de um sentimento de pertença que tem consequências não apenas nas formas de apropriação individual e familiar, mas também no investimento social e colectivo na vida local. Das condições para o direito à diferença, e de todos terem o direito de sentir que têm um lugar na cidade. O sentimento de pertença e de identificação são determinantes na produção do urbanismo quotidiano⁶⁰.

⁵⁷ CABRAL, Bartolomeu C. et alii. - *A Universidade e a cidade - The University and the City. Universidade da Beira Interior. Covilhã. 1974-2004*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2005; MATOS, M. João; VAZ, Domingos - "Covilhã e cidades alpinas: o contributo da paisagem para a sustentabilidade urbana...."

⁵⁸ PEREIRA, N. Teotónio - "Reconquistar a mobilidade pedonal: um plano para a Covilhã". *Sociedade e Território* 37/38 (Jun. 2004), pp. 119-125; PEREIRA, N. Teotónio et alii. - *Uma ideia para a cidade da Covilhã. Nuno Teotónio Pereira. Candidatura ao prémio Sir Robert Matthew. Prize Nominee. UIA 2005*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos/Conselho Directivo Nacional. Caleidoscópio, 2005.

⁵⁹ Guerra, Isabel - "Tensões do Urbanismo Quotidiano". in PORTAS, Nuno; DOMINGUES, Álvaro, CABRAL, João (orgs.) - *Políticas Urbanas. Tendências, estratégias e oportunidades*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003, pp. 237-251.

⁶⁰ Enfatizamos as intervenções orientadas tanto para identificar memórias e patrimónios urbanos que sedimentam as identidades locais e reabilitá-los, modernizá-los e valorizá-los, como para gerar novas identidades (espaciais, arquitectónicas, artísticas) com base na história recente das regiões.

Esta alusão aos problemas da cidade e à abordagem ecológica não evoca apenas os temas clássicos da escola ecológica de Chicago. Faz antes acudir à mente a relação entre o urbanismo, entendido como transformação *artificial* do ambiente, e o contexto natural e biológico. A associação ecologia-cidade propõe, então, como objecto de reflexão o papel que o urbanismo tem na alteração do equilíbrio entre as sociedades humanas e os ecossistemas de que fazem parte. Trata-se de procurar uma política de organização espacial que leve em linha de conta a necessidade de estabelecer um equilíbrio entre o homem, a sociedade e a natureza, elementos que formam uma equação particularmente desafiadora. Na medida em que a *boa forma* da cidade não é separável de um urbanismo próximo do cidadão, ou seja, de um urbanismo de pormenor cujo processo de decisão – concepção e produção do espaço urbano e sua gestão – dê lugar à participação próxima do cidadão e da comunidade sob formas democráticas de representação.

Conclusão

Historicamente a Covilhã constituiu-se como *cidade-fábrica* em osmose com a indústria dos lanifícios, que desde tempos recuados moldaram o tempo e o espaço urbano local. A cidade afirmou-se com uma actividade industrial expressiva modelando um *habitat* cujas memórias relacionadas com o trabalho da lã se perpetuam num imaginário e numa antroponímia diversificada. A localização geográfica, se não foi relevante nos processos de formação, será determinante na contemporaneidade, com a política económica favorecida pelo Estado, as emigrações e o declínio industrial após os anos de 1960 e 1970. O modelo de desenvolvimento da indústria local defrontará sérias dificuldades em se reestruturar quando se acentuou a perda da competitividade industrial da cidade, face à emergência de novos pólos industriais, em consequência da abertura de novas áreas económicas e novos mercados. A maior concorrência exigia uma resposta pronta da indústria local para vencer os obstáculos que entravaram a reorganização empresarial no plano da modernização do parque de máquinas e da inovação quer ao nível do produto quer ao da própria gestão empresarial. A situação agrava-se com a crise energética e a mudança de regime político em 1974, sobrevivendo a maior parte das empresas, já então descapitalizadas e obsoletas, à custa do preço baixo da sua mão-de-obra abundante.

As circunstâncias adversas conduzem ao esgotamento profundo do modelo económico de mono industrialização até então vigente, e confrontam, ontologicamente, a cidade industrial levando à necessidade de reconversão do paradigma económico e social que até então a havia estruturado. O acelerado

processo de desactivação de muitas unidades fabris, a partir de meados da década de 1970, representou, aos olhos dos covilhanenses, a ruína do símbolo marcante da *cidade industrial*, passando a cidade a auto-intitular-se, frequentemente, até meados dos anos de 1980, de *cidade-fantasma*⁶¹.

A criação do ensino superior na Covilhã constituirá o verdadeiro catalisador da profunda transformação económica, social e cultural, que vai viabilizar o novo paradigma da revitalização urbana, não obstante a persistência de algumas actividades industriais com tradição têxtil (hoje deslocadas nos parques industriais do Tortosendo e Canhoso e exigindo uma mão-de-obra escassa devido à automatização). Assim, o Instituto Politécnico da Covilhã, instalado em 1973, no âmbito da reforma do ministro Veiga Simão, com a finalidade de ampliar a rede pública de ensino superior, será reconvertido no Instituto Universitário da Beira Interior em 1979 e na Universidade da Beira Interior em 1986. A opção por localizar a instalação desconcentrada dos diversos pólos da Universidade no interior do perímetro urbano da cidade, em detrimento da adopção do modelo anglo-saxónico de *campus* universitário, foi decisivo para estimular a inserção das valências académicas no seio do tecido urbano local promovendo a sua revitalização. Isso foi conseguido com a recuperação de diversos imóveis e complexos fabris aí localizados, com traça histórica e qualidade arquitectónica, e que foram refuncionalizados com actividades universitárias. Sintomaticamente os fluxos estudantis entre os pólos universitários, logo entre as áreas da cidade, ilustram bem a mudança de paradigma da Covilhã. O universo estudantil atinge cerca de um terço da população residente, adquirindo um significado urbano relevante, quer no quotidiano da vida cidadina quer por potenciar contactos com exterior.

Hoje a exploração de novas dinâmicas socioeconómicas, culturais e lúdicas é estimulada pela Universidade, a cuja génese se procura aliar uma redefinição das estratégias locais e a valorização de um ambiente urbano atractivo, em diálogo com a herança histórica, cultural e ambiental. Apuramos que a sua representação remete para a assunção da academia como pólo de irradiação de dinâmicas variadas, tanto económicas como sociais ou culturais. É favorecida a reconfiguração do espaço urbano cada vez mais *aberto*, promovendo perfis urbanos mais multifuncionais, bem como novas condições estruturais sociodemográficas e territoriais. Assim como se vai estruturando a cidade pós-industrial sabendo-se que a existência de um ambiente diversificado e *tolerante* afecta a possibilidade de regiões e cidades

⁶¹ VAZ, Domingos - *Cidades Médias e Desenvolvimento: o caso da cidade da Covilhã ...*; PINHEIRO, Elisa; SILVA, Manuel J. S. - "A Covilhã: uma paisagem cultural evolutiva..." pp. 1-21.